

COMENTÁRIOS SOBRE A ENTREVISTA COM GÉRARD VERGNAUD

Por Alina Galvão Spinillo,
Maria Lucia Faria Moro e
Maria Tereza Carneiro Soares

As três autoras destes “Comentários” à entrevista que realizei com Gérard Vergnaud estão entre as pesquisadoras mais importantes do país na área da psicologia da aprendizagem e do ensino da Matemática. Duas delas são parceiras na empreitada de criação deste espaço virtual, e a Dra. Alina Galvão Spinillo pertence à mítica equipe da Universidade Federal de Pernambuco que, desde os anos 1980, realiza pesquisas de enorme importância que modificam nosso olhar sobre como se desenvolvem os conhecimentos matemáticos de nossas crianças, e também mostram o quanto processos de ensino em que predomina o que Vergnaud chama de “prescritivo” ignoram competências importantes que são construídas fora da escola, gerando fracasso escolar e agravando processos de exclusão social.

Profundas conhecedoras da obra de Gérard Vergnaud, as três especialistas demonstraram grande interesse pela entrevista, e fizeram uma síntese de suas impressões neste texto. A modéstia típica de pesquisadoras extremamente éticas fez com que elas desejassem que estes comentários fossem publicados no mesmo arquivo em pdf em que está a entrevista com Vergnaud, após o fim. A decisão de publicá-los como um arquivo à parte, complementar, foi minha, pois o texto é de grande interesse em sua visão da vida, da obra e da grande contribuição de Vergnaud à Didática da Matemática. (Luca Rischbieter)

O que, a título de comentários finais, teríamos a dizer aos leitores dessa entrevista, tão bem conduzida por Luca Rischbieter, e quando o entrevistado é nada menos que Gérard Vergnaud, autor cujas contribuições, sabemos, foram e seguem sendo muito examinadas, discutidas, apreciadas?

Sem dúvida, entrevistas com teóricos de qualquer área constituem-se fonte ímpar, para que, nós, estudiosos, possamos melhor conhecer as contribuições, as reflexões do entrevistado. Nada como uma boa entrevista, bem conduzida, para que autores revelem os caminhos, os percalços, os porquês de terem elaborado o que elaboraram. Como exemplo, temos o quanto as entrevistas que, entre 1969 e 1976, Jean-Claude-Bringuier¹ fez com Piaget ajudaram e/ou nos ajudam ainda para que possamos nos dar conta dos caminhos, motivos, razões que guiaram descobertas relevantes, assim tornadas mais compreensíveis quando reveladas suas raízes.

Por isso é que, talvez, neste momento, vale a pena sublinhar, como notas finais, alguns pontos para que o leitor se sinta ainda mais provocado a melhor conhecer dimensões, desdobramentos de um pensar tão rico quanto o de Gérard Vergnaud. Eis então que:

- primeiro, chama a atenção o fato de o entrevistador, ao interagir com o entrevistado, inspirar-se no método clínico piagetiano ao conduzir a entrevista: ainda que um possível roteiro ou perguntas-chave permeiem a condução do diálogo estabelecido, o entrevistador ora deixa-se levar pelo entrevistado e ora o guia, propondo desafios, detalhamentos e reflexões por parte do entrevistado. Esse, ao mesmo tempo em que é conduzido pelas perguntas, revisitando, assim, sua própria trajetória, guia o próximo turno de fala do entrevistador. Nesta dialética, é tecido um texto raramente produzido, oferecido ao leitor como oportunidade única a ser experimentada.

- segundo, é relevante o quanto a entrevista traz de informações sobre fatos, momentos, as “circunstâncias” de uma vida dedicada ao trabalho intelectual, e do “como” tudo isto encaminha, desenha, por vezes inexplicavelmente (da mímica à Psicologia, por exemplo), uma obra teórica em “construção” para chegar a uma proposição teórica consistente sobre os processos cognitivos do ser humano quando este se defronta com a necessidade de compreender elementos de campos específicos do conhecimento em suas peculiaridades. Embora aparentemente seja mais conhecida a contribuição de Vergnaud no que concerne ao campo da compreensão de conteúdos da matemática escolar – então, o aprender matemática e,

¹ BRINGUIER, J.-C. *Conversando com Piaget*. M. J. Guedes, Tr. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

em consequência, o ensinar matemática – o conteúdo da entrevista destaca o quanto a teoria dos campos conceituais tem servido de quadro de exame da construção de competências em diversas áreas do conhecimento humano e de atuação profissional específica. E vale constatar que, conforme esta perspectiva, ao longo de sua trajetória profissional, o trabalho do autor vai de crianças, a jovens do ensino médio, aos adultos – os professores, por exemplo, abrangendo o processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano como um todo.

- terceiro, sobre a forma pela qual se encaminhou a carreira de Vergnaud como homem de ciência é relevante o seguinte: se foram tantas as tão curiosas circunstâncias que desenharam seu caminhar teórico, por outro lado, o que tais circunstâncias trouxeram encontrou terreno fértil em uma mente ávida, privilegiada na busca de verificar o valor de ideias novas, antecipando-se a tantos e abrindo caminhos para muitos outros mais. Pensando então a respeito em termos construtivistas, diríamos que teria ocorrido ali (como em tantos outros casos na história das ciências) uma formidável interação entre dimensões especialmente favoráveis do entorno sociocultural em um momento dado, com as capacidades (competências?) próprias (inatas?) de uma mente inspirada, que pensa diferentemente de outras, sem que a respeito se possa encontrar (ainda) uma explicação plausível.

- um quarto ponto tem a ver com a oportunidade de o leitor melhor apreciar as influências teóricas que o autor recebeu para ir adiante em suas contribuições. A destacar dentre elas, as marcas deixadas pela epistemologia genética de Piaget e pela teoria de Vigotski. Quanto a Piaget, sem dúvida, ao elaborar a teoria dos campos conceituais, Gérard Vergnaud nos traz um caminho extremamente desafiante para serem examinados os processos psicogenéticos de elaboração de conteúdos diversos, levando-se em conta suas especificidades. Logo, é suporte para colocarmos à prova a força da teoria piagetiana quando se estuda a construção de conhecimentos de áreas específicas, algo de interesse especial quando se trata dos diversos conteúdos da aprendizagem escolar e de competências em terrenos profissionais específicos. Sustentamos que, ao contrário de se repetir o que Piaget fez, é dessa forma que se verifica a força de sustentação da epistemologia genética, ao ser a teoria assim colocada à prova. Quanto às contribuições de Vigotski, Vergnaud propõe uma alternativa que se tem mostrado promissora ao compatibilizar o que o autor russo destacou em suas proposições sobre o papel da palavra, do discurso nas elaborações conceituais, ao que vem da epistemologia genética – o papel central da ação (a ação inteligente antes da linguagem), o lugar dos invariantes operatórios, a perspectiva processual psicogenética - assim compatibilizando (ou integrando) contribuições contemporâneas tão significativas à compreensão da cognição humana, em vez de descartar uma ou outra em prol de preferências, nem sempre explicáveis ou justificáveis, algo que não ajuda a promover, na história científica, avanços significativos.

- sobre a mímica e a Psicologia é interessante pensar, como quinto ponto, o que permanece, na obra, da passagem de Vergnaud pelo teatro. Cenários, contextos, situações. Mímica, gestos, símbolos, representações. Ato, ação. As situações em que efetivamente os conceitos surgem e se apresentam estão associadas a símbolos, a representações que lhe dão vida e permitem que, ainda de forma difusa, sejam conhecimentos em atos. De fato, nada acontece por acaso, retomando aqui a ideia de outro grande estudioso de nosso tempo: Freud. Não é de se surpreender, portanto, que Piaget tenha se interessado em orientar Vergnaud exatamente por ele propor uma dissertação sobre a mímica, pois, percebeu, com sua genialidade, que estava diante do início de uma trajetória singular e profícua.

- ainda como sexto aspecto a destacar, retoma-se o lugar assumido por este professor universitário e pesquisador do CNRS² que, ao longo de 40 anos, cometeu a ousadia de tomar a pesquisa em didática como uma provocação, tão essencial quanto o estudo do desenvolvimento, contribuindo de forma efetiva para a evolução e consolidação de uma área de pesquisa: a da didática das disciplinas. Período em que juntamente com Brousseau (Teoria das Situações Didáticas) e Chevallard (Teoria da Transposição Didática) tornou-se conhecido como um dos tripés da base de sustentação da Didática da Matemática em sua vertente francesa.

- e, enfim um último comentário: ao ser instado ao estudo dos interesses e aprendizagens dos adultos em situação de trabalho, Vergnaud fundou a pesquisa sobre a didática profissional do trabalho industrial, o que lhe permitiu afirmar, na entrevista, que “... a forma operatória do conhecimento, a que permite agir numa situação, é mais rica que a forma predicativa do conhecimento, que é a que permite dizer as coisas, enunciá-las e colocá-las, sob uma forma simbólica...”, indicando a necessidade de estudar o desenvolvimento profissional de professores como um “tríptico” que envolve a formação inicial, o trabalho e a formação contínua. Sua advertência, também colocada na entrevista aqui comentada, de que “O problema da atividade do professor é sempre a representação que ele tem das coisas.” denota que as escolhas de um profissional de ensino, ou seja, a base de sustentação de sua atividade de professor passa pela representação que faz de cada um dos conhecimentos necessários: conhecimento de matemática, do estudante e de seu desenvolvimento, dos limites de sua atividade, das necessidades da sociedade, de sua própria ação como professor, entre outros.

Enfim, encerramos salientando suas recomendações de que podemos dar aos professores uma visão operatória do desenvolvimento de conhecimentos, e de que, como Vergnaud diz acima, “Se não houver uma contribuição cultural, uma contribuição científica

² Centre national de recherche scientifique (Centro nacional de pesquisa científica), uma grande instituição pública de pesquisa.

constantes na formação de professores, algo lhes falta”. São recomendações que assinalam um compromisso velado, mas que Vergnaud parece ter assumido desde os tempos de ouvinte das conferências para a popularização da Matemática nas ciências humanas realizadas por Guilbaud, e de suas experiências como conselheiro pedagógico: o de que todos tomem gosto pela matemática. Ao que parece, após, tantos anos de pesquisa, ainda pode-se ouvir um clamor por estudos longitudinais colaborativos no interior das salas de aula, para que, em conjunto, pesquisadores, professores, alunos e pais possam analisar seu papel no processo de conceitualização e inclusive na transformação dos conhecimentos escolares que por, serem cultural e socialmente referenciados, estão sempre em vias de produzir-se.